

A comunicação contra a cultura: entre a Disneylândia e os ayatolás

Michel Serres*

As “novas” tecnologias são mais antigas do que geralmente imaginamos. Há, neste termo derivado da língua inglesa, dois tipos de tecnologia de natureza indistinguível: as técnicas – isto é, o conjunto das ferramentas, que utilizamos em escala antrópica, do quebra-nozes à bomba atômica – e as técnicas de natureza propriamente informacional, para as quais não existe tradução no francês. Mas a palavra inglesa “tecnologia” (*technology*) abrange essas duas noções, dando-nos a ilusão de uma evolução linear, na passagem das técnicas “duras” para as tecnologias “dúcteis”¹ que nos rodeiam hoje. Isto, no entanto, é falso².

As tecnologias dúcteis acompanharam a história humana. Foram, inclusive, decisivas no processo de hominização: a invenção da escrita, por exemplo, é uma técnica que toca as energias informacionais – ou “energias dúcteis”; a invenção da imprensa constitui outra dessas técnicas. Não é, portanto, de surpreender que essas tecnologias dúcteis explorem a dimensão “dúctil”, e as tecnologias “duras” tenham explorado a dimensão “dura”. Como registra Jeremy Rifkin, na economia tradicional as tecnologias relativas às energias duras exploravam essas mesmas energias duras.

As tecnologias dúcteis, porém, existiam e já haviam descoberto “o tempo de seu acesso”. Não nos esqueçamos, com efeito, que aprendemos a escrever nas línguas que nos são familiares, entre mil línguas existentes no mundo mais de noventa e cinquenta não se revelam senão sob o modo de transmissão oral. Os povos que as falam não tiveram acesso à escrita. Aliás, desde a invenção da imprensa o acesso à leitura, à escrita e às bibliotecas relacionava-se já com as energias dúcteis. Não se trata, portanto, de uma evolução linear da história, que iria das tecnologias duras para as dúcteis. Há, isto sim, uma dupla história: de um lado as energias dúcteis e, de outro, as energias duras.

As tecnologias dúcteis, que exploram a dimensão flexível e, de fato, a cultura, estão em plena ascensão. Ora, na tradição européia, reflete-se sobre a mercadização³ da cultura a partir de um conceito do direito canônico: o pecado da simonia. Esta noção vem do texto dos Atos dos Apóstolos relativo a Simão o Mago, que vendia objetos ou atos sagrados. Os homens cultos tinham, assim, por hábito, considerar como “simoniaco” aquele que vendesse a cultura. Durante muito tempo essa ideologia simoniaca protegeu-nos da mercadização das coisas da cultura. Recentemente e de súbito, porém, constatei que este sentimento de proteção não era mais que uma ilusão, vendo minha imagem utilizada contra minha vontade para satisfazer os objetivos de um anúncio na televisão. Um ato contrário a minhas convicções, que se poderia, exatamente, qualificar como simoniaco!

Entre as imensas transformações atuais, devemos nos fixar na avaliação precisa daquilo que ganhamos e perdemos. Estamos em risco de perder a cultura? Tomemos dois exemplos.

De geração em geração nossa memória se enfraquece, pois abandonando o costume oral pela tradição escrita, recorreremos cada vez menos a essa capacidade cognitiva. Assim, contrariamente ao que se crê, a tradição oral seria mais sólida que a tradição escrita. Em nossa cultura, supõe-se que a memória seja subjetiva, uma “faculdade da alma” pertencente a cada indivíduo. Ninguém identificou, até agora, a sede da memória no corpo humano. O enfoque que proponho é diferente: desde que a escrita foi inventada, a memória ficou liberada de um certo peso, e a escrita tornou-se um objeto. Igualmente, antes da imprensa, um homem de cultura que sonhasse conhecer Homero ou Plutarco deveria aprender seus textos de cor. A invenção da imprensa suprimiu essa necessidade, além de aliviar a memória.

Isso confere sentido à palavra de Montaigne: “Melhor uma cabeça bem feita que uma cabeça bem cheia”. A escrita foi inventada, e nós perdemos a memória, que se tornou coletiva e objetiva, enquanto nós a acreditávamos subjetiva e cognitiva. Este processo é um dado constante do processo de hominização. Não se pode, portanto, ter medo de perder essa memória, pois tivemos um ganho, ao nos liberarmos da esmagadora obrigação de lembrar. Desse modo, a cabeça bem feita pode se dedicar a novas atividades, mais inventivas. As novas tecnologias colocam à nossa disposição toda a memória do mundo.

O historiador André Leroi-Gourhan assim descrevia o processo de hominização: o homem, quando se pôs de pé para se deslocar, liberou seus membros anteriores da função de transporte que até então desempenhavam. A mão pôde, então desenvolver a capacidade de preensão e o ser humano tornou-se um *homo faber*. Ao retirar da mão essa faculdade da preensão, a boca – que até então preenchia tal função – a perdeu, e pôde, então, falar... Ora, se buscarmos comparar, nesse processo, o ganho da palavra e a perda da função de transporte, não há dúvida de que o ganho transcende, largamente, a perda. Será isso o que novamente ocorre?

Nesta evolução, é o sujeito humano – ele próprio, em sua dimensão cognitiva – que se modifica. Mas ele sempre se transformou, à medida que as tecnologias dúcteis evoluíam. Isto é válido sobretudo no domínio das ciências. Cada um de nós guarda, sem dúvida, a lembrança dos trabalhos realizados no ginásio: tratava-se, a partir de uma experiência proposta pelo professor, de executar operações e medidas que eram colocadas em um gráfico, permitindo, assim, formular uma lei. Poucas experiências e poucos dados permitiam, porém, bons resultados. Mas foi também com poucos dados e experiências que Newton descobriu a lei da gravitação universal.

Hoje em dia, as tecnologias executam as observações e as medem, para nós, automaticamente e em tempo real. Isso ocorre porque elas registram esses dados sem limite de capacidade, a tal ponto que há um projeto de se apelar aos usuários de computadores do mundo inteiro para que se liguem em quase dois milhões de máquinas, podendo, assim, manejar dados. Mudamos, portanto, de paradigma científico: a ciência atual nada mais tem a ver com a que existia há algumas décadas.

Em sua origem, a palavra “cultura” foi inventada por Cícero, para quem “a filosofia era a cultura da alma”. Esta primeira definição se inscreve, portanto, em uma visão humanista, retomada pelos filósofos do século XVI, dando origem à tradição do “homem de bem”. O segundo sentido do termo cultura é alemão. Foi utilizado pela primeira vez por Kant e, depois, retomado pela *Kulturkampf*⁴. Designa o conjunto dos processos adquiridos em uma sociedade humana. Neste enfoque, a “cultura do porco” dos agricultores de minha infância integrava a “cultura da Gasconha”. E isto, na época, tinha muito pouco a ver com as dançarinas da Ópera, que se inscreviam, muito mais, na primeira definição de cultura. Para mim, no entanto, a cultura é o caminho que vai do porco à Ópera, e vice-versa. Nesta definição, não é considerado culto o ser humano que ostenta gostos artísticos, mas nada conhece da cultura no sentido antropológico do termo. Outro exemplo é o do antropólogo que não entende de arte.

Uma terceira definição, mais recente, é a de cultura como uma mercadoria “mundializável”. As empresas realizam lucros colossais comercializando objetos culturais que se ligam à experiência humana. O filme *Titanic* refere-se à atuação universal perante o mar. O filme *Vertical Limit* - ainda que trate de uma teatralização, de um simulacro visível da experiência posta adiante... – faz referência à experiência universal da montanha, que qualquer pessoa pode ter provado.

Fala-se, hoje, de uma batalha entre essa cultura global, mundializada e mercantil, e a cultura local, na acepção antropológica do termo. Fechar as fronteiras para resistir à invasão da cultura mundializada seria o modo mais absurdo de colocar o problema: seríamos condenados, sob essa visão de mundo, a ter de escolher entre a Disneylândia e os ayatolás.

Como se adquire uma cultura? Primeiro, no sentido antropológico, estão o lugar de nosso nascimento, a língua de nossos pais... um determinado número de

atitudes, costumes e usos, que nos são legados. Mas, está provado, isto não basta para construir uma pessoa culta. Com efeito, se a cultura for aprisionada, ela sufoca e morre. Está permanentemente em invenção, a partir de um determinado ponto, de um caminho que, passo a passo, nos leva, pela vizinhança, em uma viagem que nos faz descobrir uma cultura próxima e, a seguir, outra que não o é tanto...

Este caminho de uma cultura a outra está balizado por obstáculos, e é difícil reencontrar pessoas que, muitas vezes, não são quem imaginamos. Essa via não se revela fácil nem quando cremos aceder a língua, costumes e crenças estranhos. Pode-se, contudo, nesse percurso, ser seduzido e descobrir hábitos que nos são desconhecidos. O que há de mais belo que o artesanato brasileiro, ou de mais extraordinário, para alguns olhares, que a sutileza da cultura japonesa? A cultura não tem fronteiras: ela é porosa. A França jamais foi tão francesa como no século XVII, quando Molière inspirou-se nos italianos ou Corneille bebeu nos espanhóis. A batalha anuncia-se entre o local e o global, isto é, entre a cultura designando o conjunto dos processos adquiridos na sociedade humana e a cultura mercadizada, testemunha de uma profunda incompreensão do que é o espaço cultural. Este é áspero, granuloso, complexo, diferente para cada pessoa, composto de passagens, obstáculos, vaus, desfiladeiros, montanhas intransponíveis... E principalmente, cada um traça, ali, seu caminho original, único, sua rota que traduz a singularidade cultural de cada um de nós. Essas culturas nada arriscam – aí incluída a internet – porque trata-se de um espaço granuloso, e não de um espaço global.

Se esses meios de comunicação são, de fato, reputados como universais e supostos de nos permitirem estabelecer relações imediatas com qualquer lugar do planeta, o uso que deles fazemos é espantosamente local! Contrariamente ao que se pensava, o telefone celular reafirmou os laços comunitários da família. É verdade que seu uso reveste-se também de uma dimensão global. Mas é precisamente esta combinação de usos locais e globais, de ferramentas como o celular ou a internet, que faz da utilização desses instrumentos um espaço tão amarrotado, granuloso e semeado de obstáculos e de passagens, como o espaço cultural.

Assim, para mim, a “verdadeira” cultura não está em perigo. Contudo, concordo em um ponto com Jeremy Rifkin: contrariamente ao que pensava Marx, a cultura é a infra-estrutura. A Europa do carvão e do aço não bastou para se construir, porque a economia não é a infra-estrutura. É verdade que existe, desde a Idade Média, uma cultura européia. Se se tivesse admitido, na época, que a cultura era a infra-estrutura, bastaria, então criar a universidade européia, estimular o intercâmbio de jovens e a construção de uma cultura comum, por intermédio de programas educativos. A Europa teria quatro línguas para se expressar, como a Suíça, e estaria feita! Mas se tentamos defini-la verdadeiramente, a cultura designa, a meu ver, duas coisas: de um lado, ela se caracteriza pelo processo de aculturação, isto é, a “viagem” que permite, a partir das vizinhanças, reencontrar o outro. De outro lado, a cultura

está erigida sobre uma singular decisão do indivíduo, pois ele decide: não, eu não pertencço a essa cultura ali. Vivemos uma considerável transformação do sujeito cognitivo, da ciência objetiva e da cultura coletiva. É esta transformação que me faz lastimar, de verdade, não ter mais dezoito anos!

Michel Serres
Filósofo, membro da Academia Francesa

Notas

* Autor de *Hominescence*. Paris: Le Pommier, 2001 e *Retour au contrat naturel*. Paris: Bibliotheque National de France, 2000, entre outros.

Este texto foi extraído da intervenção de Michel Serres, em resposta a Jeremy Rifkin (ver *Le Monde Diplomatique*, julho de 2001), no quadro “Entretiens do século XXI”, organizado por Jérôme Bindé, diretor da divisão de previsão e estudos prospectivos da UNESCO. Tradução de Lúcia Thereza Lessa Carregal.

1. O Dicionário Larousse define energias e tecnologias dúcteis como não dependentes de modos de exploração considerados perigosos (sobretudo para o meio ambiente), preservando, por longo tempo, os recursos naturais (energia eólica, das marés etc). Já para o Dicionário Houaiss, dúctil é aquilo “que se pode conduzir, guiar, direcionar; manejável, que se pode estirar ou comprimir sem se romper ou quebrar; elástico, flexível, moldável; e, no sentido figurado, é aquilo que se adapta a circunstâncias e conveniências (diz-se de pessoa, personalidade); contemporizador. (N. da trad.).

2. Ver *Les Clés du XXIe Siècle*. Paris: Seuil/Editions UNESCO, 2000.

3. Em economia e *marketing*, mercadização é um conjunto de atividades e técnicas mercadológicas que dizem respeito à colocação de um produto no mercado em condições competitivas, adequadas e atraentes para o consumidor; *merchandising* (Dic. Houaiss, N. da trad.).

4. A “luta pela cultura” foi o nome da disputa empreendida por Bismarck contra a Igreja católica, de 1870 a 1885.

Resumo

Neste artigo, Michel Serres aborda a questão das novas tecnologias e sua origem muito anterior aos recentes desenvolvimentos da técnica, bem como o abandono do antigo enfoque canônico, que condenava quaisquer tentativas de manejo comercial da cultura, colocando-o sob o anátema da qualificação “simoniaca”. Entre os desdobramentos das análises sobre as novas tecnologias com base na informação, Serres destaca os temas da memória e das novas concepções de cultura.

Palavras-chave

Tecnologia “dura”, tecnologia dúctil, informação, merchandização, cultura.

Abstract

In this article, Michel Serres analyzes the new technologies and its origin, much older than recent techniques developments. He also examines the abandon of old canonic view, that condemned every tentative of commercial management of culture, viewing it as “simoniaque”. Among unfolding analysis on informational new technologies, Serres emphasizes memory and some new culture conceptions.

Key-words

Hard technology, ductile tchnology, information, merchandising, culture.